

A BIBLIOTECA LUSITANA, TETRAVÔ ILUSTRE DA HISTÓRIA DA LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA¹

Marisa Lajolo

De todas as produções literárias, com que os maiores sábios eternizarão a sua fama nos Anais da Posteridade, nenhuma lhes mereceu mais gloriosos elogios, e célebres aplausos que o laborioso estudo de uma Bibliotheca, onde pelo impulso de suas penas renascem à nova vida os escritores, que a tinham alcançado imortal na República das Letras.²

1. A pesquisa da qual este trabalho faz parte foi financiada por bolsa de pesquisa do CNPq, tendo se beneficiado igualmente de pós-doutorado desenvolvido na John Carter Brown Library (Brown University) com financiamento da FAPESP ao qual somou-se auxílio da Fundação VITAE e da John Carter Brown Library.

2. BARBOSA MACHADO, Diogo. *Biblioteca Lusitana Histórica, crítica e cronológica* [...]. Lisboa, 1741.

3. BARBOSA MACHADO, Diogo. *Biblioteca Lusitana Histórica, crítica e cronológica* [...]. Lisboa, 1741.

A *Biblioteca Lusitana Histórica, Crítica e Cronológica na qual se compreende a notícia dos autores portugueses, e das obras, que compuseram desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*,³ escrita por Diogo Barbosa Machado, Ulyssiponense Abade da Paróquia Igreja de Santo Adrião de Sever, e Acadêmico do Número de Academia Real foi impressa na *Officina de Antônio Isidoro da Fonseca* em 1741, e oferecida a *Augusta Majestade de D. João V*. Produzida sob os auspícios da *Academia real de História* (fundada em 1720 pelo mesmo D. João V), esta obra, a tantos títulos fundadora, fornece matéria exemplar para a reflexão sobre alguns tópicos à luz dos quais se inaugura em língua portuguesa, a tradição ocidental da história da literatura.

Por antiguidade tetravô da história brasileira, não falta para estabelecer-lhe remoto e premonitório laço de parentesco com a

acanhada situação cultural do Brasil, (naquele idos d'antanho colônia portuguesa) uma coincidência curiosa: Isidoro da Fonseca, tipógrafo que a imprimiu, parece encarnar os percalços da tradição da imprensa no Brasil: arrostando os decretos portugueses que proibiam atividades tipográficas na Colônia (e, segundo Hallewell, tentando ressarcir-se dos eventuais prejuízos que a impressão da obra tão pouco lucrativa como a *Biblioteca Lusitana* lhe trouxe...), para cá trasladou, no século XVIII, sua oficina tipográfica para vê-la confiscada e destruída em pouco tempo.⁴ É como se, por algum distorcido senso de humor da história, sendo inaugural em língua portuguesa, a obra de Barbosa Machado já apontasse, nessa fortuita coincidência, questões com as quais terá de lidar, mais tarde, a história literária brasileira.

As justificativas com que Diogo Barbosa Machado argumenta em favor de sua obra inscrevem-na no movimento geral de dotar as emergentes nacionalidades européias de histórias de literatura, desenvolvida a partir de reformatação de antigas bibliotecas, o que, de certa maneira, já aponta o relativo arcaísmo do modelo de obra escolhido pelo Cômego: já desde o século XVI registram-se *Bibliotecas*, sendo, inclusive, uma delas, a *Biblioteca Universalis de Gesner*, mencionada pelo próprio Barbosa Machado.

Entre as razões invocadas para a fatura de sua obra em quatro volumes Barbosa Machado elenca as seguintes:

a. Estimuladas de ambição da glória as mais célebres nações do mundo querendo estender a sua fama, assim como a tinham dilatado com as espadas, perpetuarão nos monumentos literários das bibliotecas os admiráveis progressos que fizeram em todas as faculdades;⁵

b. Entre todos os reinos e cidades da Espanha, que com gloriosa emulação compuseram bibliotecas para perpetuar na república das letras os nomes de seus naturais, unicamente Portugal se não jactava de semelhante brasão;

c. [...] merecendo seus insignes filhos, que o mundo conhecesse pelos mudos caracteres da impressão os frutos de sabedoria (que) com portentosa fecundidade tinham produzido;

d. Depois de examinados com escrupulosa observação não somente os nossos livros históricos, mas grande parte dos estranhos, e extraídas deles as notícias pertencentes a esta biblioteca, as procurei com desvelo em várias livrarias, onde eram depósito de muitos escritores portugueses cujas obras não lograram o benefício da luz pública, onde colhi copioso fruto, como também de pessoas eruditas,

4. Cf HALLEWELL. *Lawrence*. In: *O Livro no Brasil, sua história*. Hallewell assinala em 1747 a presença da impressora de Antônio Isidoro da Fonseca no Rio de Janeiro levantando, como hipótese para sua arriscada imigração, as dívidas contraídas por ocasião da impressão da obra de Barbosa Machado (pp. 14-20).

5. As citações de Barbosa Machado, por serem muito numerosas, serão antecedidas de letras, como objetivo de facilitar posteriores referências a elas.

que zelosas de imortal fama da nação portuguesa, se interessaram em tão ilustre empresa.

As transcrições acima sublinham traços importantes do discurso que molda as bibliotecas antecipando, nesta modelagem, sua natureza precursora de histórias da literatura.

Ressalta, nas três primeiras citações, o substrato nacionalista do projeto da *Biblioteca*, ao qual não faltam, inclusive, ecos de versos em que Camões apresenta a D. Sebastião suas credenciais de ter *para servir-vos, braços às armas feito; para cantar-vos, mente às Musas dada*.⁶ Esta antiga aliança entre Armas e Letras reafirma-se nas loas ao Rei a quem Barbosa Machado dedica a obra: é para os presumidamente atentos (e pretendidamente benévolos...) ouvidos de D. João V, que o autor da *Biblioteca* frisa que tudo o que fez foi feito

e. em obséquio desta Monarquia, sempre respeitada pelas Armas, e agora mais gloriosa pelas letras, da qual seja V. Majestade Soberano Árbitro por tantos anos quantos são os vassallos, que lhe obedecem nas quatro partes do Mundo medindo-se a duração de seu Reinado pela suavidade de seu domínio [...];

O mesmo prólogo torna-se também sugestivo pelo que ensina (sobretudo para o habitante deste informatizado e trepidante fim de século...) relativamente à importância e abrangência das Bibliotecas. Enfeixando informações referentes aos mais diferentes campos e agentes do *fazer* e do *saber* humanos,⁷ as Bibliotecas, tal como as apresenta Barbosa Machado, além de não se confinarem a assuntos e temas de literatura, configuram-se como forma *então moderna* de organização e arquivo de conhecimento, uma vez que representam

f. [...] eruditos Anphitheatros em cuja espaçosa circunferência aparecem animados os Oráculos de todas as ciências, que para nunca emudecerem deixaram impressa nos fecundos partos de seus engenhos a mais nobre de todas as potências.

Os conteúdos que a *Biblioteca Lusitana* elenca, aliados à sobriedade impessoal da voz passiva que os enuncia, sugerem a objetividade e abrangência pretendidas por obras de tal feitio, que põe lado a lado santos (cf. excertos *g* e *h*), heróis nacionais e escritores; esta fraterna democracia entre o Céu, o Paço e as Letras, sem dúvida amplia muito o sentido da expressão *autores portugueses, e das obras, que compuseram* que Barbosa Machado registra como sendo o assunto de seu livro. Fruto já de uma civilização que *faz da escrita linguagem privilegiada de registro dos saberes* (cf. excerto *o*) a *Biblioteca* soma informações *bio* e *bibliográficas* a juízos de

6. CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora Ltda., s/d. p. 337.

7. A biblioteca inclui, entre seus nomeados, santos, reis e até mulheres. A seleção dos tópicos das biografias, além de ter sempre um sentido plutarquiano, faz ombrear o discurso objetivo de datas e localizações geográficas com outro, frouxo e impressionista, resultando a leitura moderna num texto deliciosamente híbrido, surrealista quase, como se pode ver nos excerto transcrito: “Santo Antonio imortal glória, e ilustre brasão do reino de Portugal, e particularmente da famosa Lisboa, que foi o venturoso berço de tão ilustre Taumaturgo dilatando mais vastamente a fama do seu nome com a produção deste grande filho, do que o tinha alcançado pela fundação do Capitão Ulisses. No faustíssimo dia 15 de agosto consagrado a Triunfante Assumpção de Maria Santíssima do ano de 1195. (p. 184) [...] como lhe perturbasse a quietação, que apetecia seu espírito, as frequentes visitas de parentes, e amigos, se retirou para o convento de Santa Cruz de Coimbra [...]. Como depositário da Divina Onipotência, usou tão despoticamente de seus poderes, que teve sujeita a seu domínio a natureza, sendo o principal empenho de sua beneficência restituir olhos aos

valor (cf. excerto *p*) registrando, no elenco de seus pontos altos, tópicos polêmicos: questões de autoria (cf. excertos *j* e *n*), de cronologia e local de nascimento e morte (cf. excerto *g, j* e *l*), fixação de uma variante como fidedigna (cf. excerto *o* e *p*) & similares questões que provavelmente tiravam o sono aos letrados da época, sendo portanto, apregoadas na abertura da obra, como marcas de seu valor:

g. [...] se fazem patentes as Pátrias, que ilustram com seus nascimentos, como os lugares que foram religiosos depósitos de suas cinzas;

h. Relatam-se as ações memoráveis de suas vidas para documentos exemplares de vida moral, e política;

i. Com a luz sempre clara de Chronologia se desterram as sombras dos Anacronismos, que confundem a verdadeira época dos Annos;

j. Restitui ao seu verdadeiro Author a obra injustamente usurpada pela affectada sciência dos plagiários;

l. Defende-se com fundamentos sólidos o berço em que se animaram alguns de seus ilustres filhos contra a opinião mal fundada de outras Nações ambiciosas de tão grande glória;

m. Aparece justificada a inocência de outros falsamente acusada no Tribunal de maledicência;

n. Declara-se o nome de muitos modesta, ou maliciosamente oculto, e com enigmáticas figuras de anagramas, e letras iniciais disfarçado;

o. Ressuscitam-se das urnas dos Arquivos as Obras M. S. a quem a Arte Typographica negou o benefício da luz pública;

p. Últimamente se assinam as diversas impressões de cada livros, e qual delas seja a mais correta e estimável.

Em inúmeros momentos, como já se antecipa nos excertos acima, Barbosa Machado articula de forma orgânica e consistente a produção e armazenamento de conhecimentos sob a forma de bibliotecas com o estabelecimento e difusão da imprensa, assinalando: 1. as vantagens do registro escrito de conhecimentos oralmente transmitidos (cf. excerto *s*, onde os termos sublinhados remetem ao mundo da oralidade); 2. a exigência de intertextualidade de projetos históricos (cf. excerto *r*, trecho sublinhado) e 3. a dificuldade e retardo que, em Portugal, circundaram a difusão dos benefícios da imprensa (cf. excerto *q*, trecho sublinhado; excerto *r*, trecho sublinhado com traço duplo):

q. [...] somente lhe faltava (a Portugal, ml) para último complemento de sua glória publicar a Biblioteca dos Autores, de que foi

cegos, ouvidos aos surdos, língua aos mudos, juízo aos loucos, liberdade aos cativos, e vida aos mortos. Foi Apóstolo no Offício, Mártir no desejo, Doutor na Ciência, e Virgem por privilégio. Vaticinou o futuro, revelou o encoberto, ilustrou Lisboa com o nascimento e honrou Pádua com a sepultura [...] em 29 de abril de 1263, trinta e dois anos passados depois da sua morte [...] aberto o cofre [...] se achou o corpo resolute em areia, e a língua contra o império da morte, e o tempo, viva, e incorrupta, e depois de lhe fazer o Seráfico Doutor um breve elogio, a colocou em um cofre de cristal.

fecundíssima Mãe, e ser notório aos outros Reinos lhes não era inferior Portugal, assim em o número, como na qualidade dos Escriitores. Não faltaram doutíssimos Portugueses que com grande desvelo empreenderam este grande assunto, de que logo darei uma breve relação, mas como as laboriosas vigílias, que dedicaram a este estudo, não lograram o benefício da luz pública, não se comunicou a sua utilidade à República Literária;

r. Depois de examinados com escrupulosa observação não somente os nossos livros históricos, mas grande parte dos estranhos, e extraídas deles as notícias pertencentes a esta biblioteca, as procurei com desvelo em várias livrarias que eram depósitos de muitos Escriitores Portugueses, cujas obras não lograram o benefício de luz pública, onde colhi copioso fruto, como também de pessoas eruditas, que zelosas de imortal fama da Nação Portuguesa se interessaram em tão ilustre empresa.

s. [...] atendendo igualmente pela glória da Pátria e da sua Religião se empenharam com louvável emulação e comunicar-me benevolmente as notícias dos Religiosos que nos seus Claustros foram vigilantes cultores das ciências...

À moldura nacionalista do projeto português já apontada contrapõe-se uma curiosa nota ufanista, que reponta no excerto t, relativo a oscilações na escolha da língua na qual Barbosa Machado escreverá seu texto:

t. Determinado estava a escrevê-la na língua Latina, na qual não pequena parte tinha composto, mas arrependi-me da resolução, considerando que seria infrutuoso este meu trabalho para muitos Portugueses, que ignoram aquele idioma, o qual possuindo indubitavelmente entre todos o principado, lhe preferem com indiscreta eleição o estudo de outras línguas, que ainda que polidas, lhe são sumamente inferiores assim na majestade da Origem, como na energia da locução. Esta foi a causa que me moveu a que mudando de estilo, e de língua antepusesse a materna à Latina, para que a utilidade, que se pode colher da lição desta obra, fosse a todos patente;

Não deixa de ser intrigante a informação de que o projeto inicial de Barbosa Machado contemplava a redação de sua *Biblioteca Lusitana* em Latim. Não insinua tal determinação uma certa birra *anti-vernácula* de fundo talvez aristocrático & eclesiástico, sendo Monarquia e Igreja instituições de contorno supra-nacional e, assim, tendo por expressão adequada uma língua internacional como o Latim? O caso é que, de qualquer forma, a confessada predisposição latina do Autor e sua posterior opção pelo Português parecem dar bem

a medida das ambiguidades da cultura portuguesa do tempo, as quais – traduzidas nas contradições do projeto intelectual de Barbosa Machado – explicam a ambivalência de um projeto que, ao menos em seus albores, tinha contornos simultaneamente latinos, patrióticos & nacionalistas!

Neste sentido, é interessante observar que as razões pelas quais Barbosa Machado acaba capitulando à *última flor do Lácio* são de ordem pragmática: o excerto *t* informa que o Autor cede ao vernáculo em detrimento do Latim pelo fato de *muitos portugueses ignorarem tal idioma* o que sugere uma já bastante moderna preocupação com a *circulação* de sua obra, insinuando talvez que os segmentos familiarizados com a cultura clássica, já são insuficientes como público-alvo para obras como a *Biblioteca Lusitana*.⁸

Interessa agora assinalar que marcas muito semelhantes às até agora discutidas mantêm-se em textos portugueses posteriores ao século XVIII, dando assim, mais verossimilhança e força ao parentesco postulado entre estas matrizes da história literária portuguesa e algumas marcas discursivas e metodológicas presentes nos primeiros projetos e produtos da história da literatura brasileira já no século XIX.

No *Primeiro ensaio sobre história literária de Portugal desde a sua mais remota origem até o presente tempo* [...],⁹ texto publicado em 1845, mais de cem anos portanto depois da *Biblioteca Lusitana*, reencontraram-se vários tópicos e valores presentes na obra de Barbosa Machado. Seu autor, Francisco Freire de Andrade, começa por frisar o gigantismo da empreitada que parece crescer ainda mais pela demora de sua realização, cujo início, como aponta o Autor, antecede de trinta anos sua publicação:

A obra que vai agora ser publicada pela imprensa foi começada a escrever em 1814 [...]

Se a demora da publicação talvez reforce a idéia das dificuldades que, ainda no século XIX circundavam a produção da intelectualidade portuguesa, entre a razões que Freire de Andrade elenca para a escritura de sua obra, ele destaca, como já o fizera um século antes Barbosa Machado, o desconhecimento em que jazia a produção literária portuguesa:

o esquecimento ou se quer, desleixo, em que via fazer, com grande dissabor o seu, esta parte tão rica de nossa história.

Sempre nos calcanhares de Barbosa Machado, Freire de An-

8. Em *Frei Luís de Souza*, obra de 1844, Garrett recria Portugal nos primeiros anos do domínio espanhol (1580-1640) e, na cena de abertura da peça, conversa de Dona Madalena de Vilhena (que lia *Os Lusíadas*) com Telmo Pais registra a dificuldade de acesso a textos vernáculos: a Bíblia em Português é referida por Telmo Pais como mencionada apenas por protestantes: “[...] Mas, minha Senhora, isto de a Palavra de Deus estar assim noutra língua que a gente... que toda a gente não entende... confesso-vos que aquele mercador inglês da rua Nova, que aqui vem às vezes, tem-me dito suas coisas que me quadram... E Deus me perdoe, que eu creio que o homem é herege, desta seita nova de Alemanha ou de Inglaterra. Será?” (pp. 55-56).

9. FREIRE DE ANDRADE, Francisco. *Primeiro ensaio sobre história literária de Portugal desde a sua mais remota origem até o presente tempo, seguido de diferentes opúsculos, que servem...* Lisboa, 1845.

drade contrapõe a tal desconhecimento a existência de história literárias de outras nações

porventura não melhor aquinhoadas, do que a portuguesa, neste gênero de glória, porém de certo menos incruas do que nós, em fazerem valer os seus títulos de honrada reputação [...]

as quais já contavam com o registro de tal produção, dado que

[...] possuíam já há muito suas Histórias literárias, e delas algumas escriptas com a maior perfeição (p. 8):

O texto de Freire de Andrade sugere ainda, como de resto já o sugerira a obra de Barbosa Machado, o caráter *cumulativo* de projetos como o seu, de vez que o autor sente-se obrigado a justificar a falta de referências, em seu trabalho, à obra de Ferdinand Denis argumentando que

[...] no ano de 1814, em que o Autor começou a escrever as suas Memórias históricas, não tinha aparecido ainda o *Resumo de História Literária de Portugal*, escrito por Mr. Ferdinand Denis, e só impresso no ano de 1826; nem de tal assunto se haveria talvez ocupado ainda ilustre literato (p. 8)

Justificar a omissão de Ferdinand Denis aponta a necessária *intertextualidade* de projetos de cunho histórico, a qual se reafirma na expressão das discordâncias que o Autor nutre relativamente a outros escritores que se ocuparam da literatura portuguesa, incluindo-a de permeio a outras observações de viagem. Freire de Andrade pretende ajustar contas com alguns das olhares estrangeiros que se detiveram por sobre o panorama da literatura portuguesa, referindo que

a segunda e não menos poderosa razão que moveu o Autor a escrever algumas Memórias sobre a História literária da sua nação, foi o ver com quão pouco respeito diferentes escritores estrangeiros se haviam intrometido a falar da nossa literatura, e até o descrédito sobre ela tinham pretendido lançar, como foram, entre outros, um Heuman, um Jugler, um Voltaire, um Link, um Du Chatelet, um Pedro Carrere.¹⁰ (p. 9)

Judiciosamente, no entanto, Freire de Andrade também regis-

10. Como o próprio Freire de Andrade indica, as obras tidas por detratoras da literatura portuguesa são o quarto capítulo do *Conspect, Reipubl. Litter.* de Heuman, o sétimo parágrafo do capítulo 5 da *Bibliot. Histor. Litter. de Jena* editada em 1752 por Jugler, o chap. 38 de *Siecle de Louis XIV* de Voltaire, tomo 1 cap. 20 e tomo 2 cap. 38 *Voyage en Portugal* de Link, o capítulo 45 do tom 2 de *Voyage en ci-devant Duc de Chatelet en Portugal...&c* de Du Chatelet e, finalmente, a *Voyage en Portugal, et particulièrement à l'histoire, ou Tableau Moral* de Pedro Carrere de 1798.

tra obras anteriores à sua, cujas referências à literatura portuguesa ele endossa.

[...] todavia não faltaram também outras, que, melhor informadas, mais esclarecidas ou imparciais, tem escrito acerca deste mesmo assunto com a exaçoção devida, e dando os merecidos louvores [...] (pp. 12-13)

identificando tais obras como a Lettre 187 e 189 do tomo XV de *Le Voyaeur français* de Delaport, ou as notas e suplemento as Cap. 15 da *Viagem de Chatelet a Portugal* (Paris An VI 2 tom de 8 gr) de Bourgoing, ou a *Introduction a la Poesia Lyrique Portugaise, ou Choix des odes de Francisco Manoel, traduities en Français*, a de Ferdinand Denis e a de Sismonde de Sismondi.

Finalmente, ainda e sempre como Barbosa Machado, Freire de Andrade inclui, nas considerações gerais sobre sua obra, o projeto civilizatório do qual ela faz parte:

para ilustração, pois assim dos estrangeiros como dos seus próprios nacionais, que com tamanha sem-razão tem em menospreço o literário de Portugal, e por ver se desperta nos seus compatriotas o antigo, ainda hoje algum tanto adormecido gosto da literatura e Língua Portuguesa (pp. 12-13)

Identificam-se assim, nos objetivos, justificativas, modos e condições de produção a qual alude Freire de Andrade, ecos muitos próximos das falas que, lá longe, no século XVIII, tinham selado algumas diretrizes do projeto pioneiro de Barbosa Machado. E entre os dois (mas de certa maneira enviesada posterior a ambos...) encontram-se diretrizes similares em projetos levados a cabo bem mais tarde, num Brasil já independente:

Januário da Cunha Barbosa que entre 1830 e 1834 dirige a Imprensa Régia no Rio de Janeiro, organiza, em 1829 o primeiro tomo de seu *Parnaso brasileiro*. Nas considerações *Ao público* com que justifica sua obra elenca razões semelhantes às invocadas pela *Biblioteca* do outro Barbosa: o amor à pátria, a missão civilizatória das antologias e histórias literárias, a dificuldade de acesso às obras anteriores sobre a literatura brasileira, a precariedade da conservação de manuscritos e as vantagens da imprensa.

Emprendi esta coleção das melhores Poesias dos nossos Poetas, com o fim de tornar ainda mais conhecido no mundo literário o Gênio daqueles brasileiros, que, ou podem servir

de modelos, ou de estímulo à nossa briosa mocidade, que já começa a trilhar a estrada das Belas Letras, quase abandonada nos últimos vinte anos dos nossos acontecimentos Políticos.

Os que se deram a semelhante tarefa na Inglaterra, França, Portugal e Espanha, de certo não tiveram tantas dificuldades a vencer, como as que encontro neste país, onde a Imprensa é moderna, e por isso os escritos, por mais de uma vez copiados, podem ser, em muitas partes, diferentes dos que saíram da pena de seus autores.

São tais parentescos & parecenças que tornam sedutor o estudo comparativo entre diferentes projetos de historiografia literária, uma vez que parece que os fantasmas do castelo da história, perambulam soltos, e soltos assombram as ante-salas das histórias literárias, de aquém e além Equador...

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA MACHADO, Diogo. *Biblioteca Lusitana Histórica, Crítica e Cronologia na qual se compreende a notícia dos autores portugueses, e das obras, que compuseram desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*. Lisboa, 1741.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. (Emanuel Paulo Ramos, org) Porto: Porto Editora Ltda., s/d.
- FREIRE DE ANDRADE, Francisco. *Primeiro ensaio sobre história literária de Portugal desde a sua mais remota origem até o presente tempo, seguido de diferentes opúsculos, que servem...* Lisboa, 1845.
- GARRETT, J. B. da S. L. de Almeida. *Frei Luís de Sousa. Viagens na minha terra*. (Antonio Soares Amora, org.) São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.
- HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil, sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1985.

